

Introdução

A seção *Ciência* do jornal analisado publica textos de divulgação científica, gênero descrito em termos de uma espécie de mesclagem entre o texto científico e o texto jornalístico. Assim, o público leigo tem acesso ao conteúdo científico através do estilo textual jornalístico. Tal definição nem sempre é tão simples, mas existe a percepção de que o texto de divulgação científica torna pública uma informação que anteriormente era restrita ao ambiente científico.

“Assim, utilizou-se a expressão divulgação científica para nomear o processo abrangente que incorpora recursos, estratégias, técnicas e quaisquer instrumentos empregados para publicizar informações junto às coletividades em geral.” (TARGINO, 2007, s.n).

“O Texto de Divulgação Científica é um gênero particular de discurso que transpõe um discurso específico de uma esfera do campo científico para a comunidade em geral. Em outras palavras, é por meio do Texto de Divulgação Científica que a sociedade entra em contacto com as pesquisas que estão sendo realizadas, dos experimentos em andamento [...]” (NANTES, 2007, s.n).

No entanto, é justamente neste meio, no texto de divulgação científica, que podemos perceber uma distância temporal e aspectual entre o relato do jornal a respeito das descobertas e pesquisas realizadas pela ciência e o desenvolvimento da própria pesquisa, perceptível na voz do cientista projetada no texto. Ou seja, o efeito de imediatez criado no texto jornalístico, a partir de estratégias

¹ O presente trabalho está inserido no projeto Modalização e Aspectualização no Discurso Jornalístico, coordenado pela prof^a Dr^a Regina Souza Gomes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi apresentado na Jornada de Iniciação Científica Julio Massari em outubro de 2010.

² Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Je_tmagalhaes@yahoo.com.br

como a debreagem temporal enunciativa e o aspecto acabado, está em direção oposta à extensa duração que demanda a ciência, perceptível na fala do actante cientista.

Dessa forma, este descompasso se reflete no próprio texto jornalístico quando este transforma em notícia uma descoberta ou uma hipótese científica. E o estudo das modalizações e da aspectualização nos permitiu analisar as estratégias enunciativas utilizadas pelo jornal que reforçam a discrepância de velocidade descrita acima.

Modalização e aspectualização

Ao enunciar a narrativa científica, o enunciador modaliza as ações, podendo relatá-las a partir da discursivização de diferentes momentos do percurso narrativo: o da manipulação, da competencialização, da realização ou da sanção. As ações são, assim, sobredeterminadas pelas categorias modais do *crer*, do *querer*, do *dever*, do *saber* e do *poder*, que podem estar explícitas ou implícitas no enunciado. Na frase “Cientistas conseguiram ler as mentes de voluntários usando um exame cerebral capaz de detectar o que eles estavam pensando” (*O Globo*, 12/03/2010), a ação já foi realizada e os valores modais do *saber*, do *poder* e do *querer* estão implícitos no enunciado, já que para conseguir ler as mentes os cientistas precisaram querer fazer isso, saber e poder fazê-lo. Já neste outro trecho: “Um dos principais nomes da pesquisa com células-tronco do mundo, Schatten *acredita* que os avanços nas pesquisas não *devem* trazer a cura para doenças como Alzheimer, mas *poderão* ajudar mulheres a engravidar e melhorar a qualidade de vida dos idosos” (*O Globo*, 09/03/2010), o enunciador explicita os valores modais do *poder* e do *crer*. O verbo *acreditar* é a concretização da modalização pelo *crer ser*, que no exemplo sobredetermina o *não dever*, manifestação do valor modal de *crer não ser*. Já o verbo *poder* (em *poderão*) concretiza a categoria modal do *poder ser*, explicitando uma possibilidade.

A concretização das modalizações no enunciado instaura no texto uma aspectualização, ou seja, uma forma de organização de uma ação em processo; ou de acordo com Greimas e Courtés uma “[...] disposição, no momento da discursivização, de um dispositivo de categorias aspectuais mediante as quais se revela a presença implícita de um actante observador” (GREIMAS, COURTÉS; *Dicionário de Semiótica*, 2008, p.39). Tanto a modalização quanto a aspectualização são operações que, ao serem

discursivizadas, caracterizam o foco enunciativo. Dessa forma, o estabelecimento de um intervalo a partir da presença de um observador instaura um ponto de vista, sobre o qual a narrativa será enunciada.

Na teoria semiótica de base francesa, o aspecto pode ser analisado em termos temporais (ex: um longo período histórico que é descrito em uma sentença; ou um único instante, descrito longamente), espaciais (se determinada distância é encurtada ou vice-versa) e actoriais (se algum ator do enunciado muda de opinião ou amadurece, por exemplo), (GREIMAS, A. J., COURTÉS, J, 1986). No entanto, neste trabalho, nos interessa particularmente a aspectualização temporal, ou seja, como o jornal organiza as ações científicas no eixo temporal.

O desenrolar da ação pode ser percebida pelo actante observador pela sua duratividade ou pela sua pontualidade. O sema aspectual da duratividade nos permite pensar a ação em termos de sua continuidade ou descontinuidade, estabelecendo um aspecto cursivo ou iterativo. No sema aspectual da pontualidade podemos entender a ação em seu início (incoatividade) ou em seu fim (terminatividade), o que estabelece o aspecto incoativo ou terminativo. Tais categorias (ver tabela 1) nos permitiram analisar os textos científicos veiculados no jornal em termos de organização no eixo temporal das ações narradas pelo jornalista. No quadro abaixo, formulado a partir da proposta feita em artigo de Odair Silva (SILVA, 2009, s.n), podemos vê-las esquematizadas.

Duratividade	Pontualidade
Continuidade (aspecto cursivo)	Incoatividade (aspecto incoativo)
Descontinuidade (aspecto iterativo)	Terminatividade (aspecto terminativo)

(Tabela 1)

Assim, o jornal pode noticiar uma ação durativa de forma pontual ou tratar como finalizado algo que ainda está acontecendo ou mesmo uma ação como ainda não começada, mas provável ou certa. O trecho “As mudanças climáticas aumentarão a velocidade dos ventos e as tempestades. Até a área das catástrofes pode crescer” (*O Globo*, 23/02/2010), retirado da reportagem sobre a menor

freqüência de furacões em oposição a sua maior intensidade, pontua uma situação no futuro que ainda é hipótese de pesquisa para os cientistas.

No entanto, dentro de uma duratividade, a ação pode ser narrada de maneira mais lenta ou mais acelerada, por exemplo. Nesse sentido, nos foi necessário o uso de categorias estabelecidas por Zilberberg. A teoria semiótica tensiva considera a elasticidade do discurso, dessa maneira, ela amplia as noções estruturais de compreensão do texto, estabelecendo graus e gradações. O discurso é entendido em sua tensividade, “lugar imaginário em que se unem grandezas da intensidade e da extensidade” (ZILBERBERG, 2002). A primeira refere-se ao sensível, à afetividade, que já havia sido introduzida, de certa forma à semiótica com *Semiótica das paixões* (1993); a segunda diz respeito ao inteligível. A intensidade é constituída pelo andamento e a tonicidade, já que a grandeza do sensível é pensada em sua rapidez e força; e a extensidade pela temporalidade e a espacialidade, já que o inteligível demanda certa extensão para se processar.

A partir do estudo de Zilberberg entendemos que o próprio discurso é aspectualizado se pensarmos a significação dos textos no que diz respeito a seu andamento, a sua tonicidade, a sua temporalidade e espacialidade. Desse modo, a aspectualização pode ser quantitativa, ao que se refere ao ritmo e ao andamento do discurso ou qualitativa, considerando o desenrolar do processo.

“(...) a semiótica, divergindo de sua escolha inicial, terminou por conceder ao aspecto um alcance extraordinário, muito além de sua aplicação ao processo: figuralmente falando, o aspecto é a análise do *devir ascendente* ou *decadente de uma intensidade*, fornecendo, aos olhos do observador atento, certos *mais* e certos *menos*” (ZILBERBERG, 2002)

Assim, o observador do jornal pode noticiar a ação a partir de uma perspectiva acelerada ou desacelerada, adiantada ou retardada com relação à produção do conhecimento científico, ou mesmo criar uma longevidade ou brevidade. Considerando tais características, as categorias do andamento e da temporalidade nos permitiram analisar o aspecto de maneira mais ampla. A noção de andamento atenta para a rapidez, trata-se da subdimensão referente à velocidade com que a ação é narrada; é a “qualidade de subitaneidade, de ‘precipitação’ (...)” (ZILBERBERG, 2006). Permite pensar o discurso em termos de aceleração/desaceleração; adiantamento/retardamento; rapidez/lentidão. Já a

temporalidade é relativa à duração das ações e a cronologia em que elas estão ordenadas, tal subdimensão nos possibilita entender o discurso considerando o foco/apreensão; anterioridade/posterioridade; brevidade/longevidade.

Dessa forma, a análise foi realizada tendo em vista as categorias aspectuais acima mencionadas e as modalizações que permeiam os dizeres dos actantes discursivos que estão presentes nos textos jornalísticos de temática científica.

O discurso científico relatado e a organização da ação no texto jornalístico

A análise das reportagens da seção *Ciência* demonstrou que freqüentemente há o efeito de adiantamento das ações realizadas pelo actante do enunciado (normalmente, o cientista) criado no dizer do jornalista (narrador). Decorrente deste efeito de sentido, é instaurada uma brevidade, reduzindo o tempo das ações, visto que o jornal possui a coerção de término diário da matéria. Tais observações podem ser vislumbradas nas três reportagens selecionadas do *corpus* com o objetivo de exemplificá-las.

1. A crença do narrador.

Na notícia “Célula abre caminho para tratar queimados”, veiculada no dia 12 de março de 2010, o assunto principal é a descoberta de células-tronco no folículo capilar, que poderão auxiliar no tratamento de queimados e calvos. O narrador, recoberto pelo ator jornalista, é modalizado pelo *creer*: ele acredita ser a ciência capaz de produzir bons resultados com as tais células, como diminuir a dor dos pacientes e aumentar a eficácia dos tratamentos. Podemos perceber a crença na projeção feita pelo narrador sobre o que resultaria de uma conjunção do sujeito com seu objeto-valor, ou ainda quando ele afirma um possível resultado citando o responsável pela pesquisa, como nos trechos abaixo:

“Uma pessoa que tenha sofrido queimaduras graves poderia ter suas lesões tratadas com os vários tipos de células necessários, todos produzidos a partir de células-tronco extraídas de seus próprios folículos capilares”. (*O Globo*, 12 de março de 2010, p.36).

“O chefe do estudo, Hans Clevers, da Academia Real de Ciência da Holanda disse que será possível produzir em laboratório, em grande quantidade, linhagens específicas de células”. (*O Globo*, 12 de março de 2010, p.36).

Há uma narrativa de competencialização discursivizada no enunciado, na qual o cientista, que tem como objeto–valor fazer melhorar o tratamento dos pacientes é um sujeito dotado de um querer e já atingiu um certo saber que é a própria descoberta, por sua vez, objeto da notícia jornalística. A narrativa está em seu início, portanto, existe a inscrição do aspecto incoativo que podemos perceber por expressões da fala do jornalista que marcam um começo como na manchete “Célula *abre caminho* para tratar queimados” ou no trecho “A descoberta *promete* melhorar consideravelmente o tratamento de vítimas de queimaduras e outras lesões. *Abre ainda uma via* para amenizar os efeitos do envelhecimento”.

O texto encaminha seu narratário para a crença de que as descobertas resultarão em conquistas para melhor bem–estar dos pacientes, já que a ciência avança suas pesquisas nesse sentido, como o subtítulo, por exemplo, assinala – “Descoberta também *aumenta a chance* de combater calvície”. No entanto, ao chegar ao fim do texto, ao último parágrafo, o narratário tem uma surpresa: “A descoberta foi realizada num estudo com camundongos, mas os pesquisadores estão convencidos de que a mesma célula–tronco existe em seres humanos”. Ou seja, até o momento do relato publicado no jornal, a descoberta foi realizada apenas com os camundongos. Este fato aumenta a distância entre um dos sujeitos da narrativa, concretizado pelo cientista, e seu objeto–valor, pois ainda se fará necessário o teste em seres humanos.

Assim, há nesta reportagem um adiantamento criado pelo narrador (jornalista) a partir de sua crença no sucesso do actante cientista. O jornalista *crê* na competência da ciência para conseguir uma maior eficácia em tratamentos com calvos e queimados a partir das células–tronco e, por isso, discursiviza a ação de maneira adiantada em relação aos relatos da pesquisa científica.

2. Os diferentes graus da modalidade epistêmica.

Intitulada “Quase humano”, a reportagem do dia 09 de abril de 2010 relata a descoberta de um fóssil de *Australopithecus sediba* que, de acordo com o narrador e o cientista, actante do enunciado, pode ser importante para a compreensão da evolução humana. No entanto, os cientistas ainda não sabem como categorizá-lo, se no gênero homo ou no australopithecus, visto que ainda não possuem nem mesmo certeza se o *Homo habilis* (uma outra espécie) entraria no gênero australopithecus ou não.

“Acreditamos que o *Australopithecus sediba* seja o melhor candidato a ancestral do *Homo erectus*, embora tenhamos que ser cuidadosos nessa interpretação [...] □ Isso significa que o mais adequado talvez seja colocar o *Homo habilis* no gênero australopithecus. (*O Globo*, 9 de abril de 2010, p.34)

Neste caso, tanto o jornalista quanto o cientista são modalizados pelo *crer* já que ambos acreditam ser a descoberta promissora, porém consideramos que tal modalização não ocorre no mesmo nível para ambos. O dizer do jornalista é mais enfático, visto que este *crê* também no sucesso da ciência em fazer progressos a partir desta descoberta. Assim, na manchete “Quase humano”, no subtítulo “Espécie que viveu há 2 milhões de anos *tem* características de homens e macacos” ou no trecho “Batizada de *Australopithecus sediba*, a nova espécie *reúne* características de homens e de macacos e *seria ancestral* do *Homo erectus*, que, por sua vez, *precedeu* o homem moderno”, por exemplo, o narrador se compromete mais com a categorização do fóssil. Já o interlocutor cuja fala é projetada pelo narrador, o cientista, explicita ainda certo distanciamento de um posicionamento mais seguro, o que podemos observar, por exemplo, no emprego do verbo “acreditar”, da conjunção concessiva e dos substantivos “candidato” e “cuidado”, no trecho: “*Acreditamos* que o *Australopithecus sediba* seja o melhor *candidato* a ancestral do *Homo erectus*, *embora tenhamos que ter cuidado* com esta interpretação” (grifo nosso). Dessa forma, o interlocutor não categoriza o fóssil, mas instaura uma dúvida, abrindo possibilidades e não conduzindo para uma conclusão.

A explicitação do modalizador *crer* é feita sempre que há alguma referência do narrador ao cientista e seu ponto de vista, seja na própria fala do jornalista, como podemos ver nas sequências: “A espécie encontrada teria vivido em um período histórico com poucos registros fósseis e os cientistas

acreditam que ela possa ser mais um degrau na evolução (...)” e “Os cientistas *acreditam*, porém, que os fósseis encontrados podem não ser os mais antigos existentes na região, onde há sedimentos que seriam ainda mais antigos”, ou quando há a debreagem e a fala é do interlocutor, como em: “Mesmo assim, *acreditamos* que esses fósseis não sejam os representantes mais antigos do *Australopithecus sediba*, já que existem sedimentos com mais de dois milhões de anos no local”.

A diferença de grau modalização epistêmica entre narrador e interlocutor, pode ser mais bem visualizada na tabela abaixo, que contrapõe trechos retirados da fala do jornalista com trechos de falas do cientista. A oposição permite entrever uma diferença modal que sobredetermina ambos os actantes e que demonstra ser o narrador mais crível de que a recente descoberta já é um passo significativo dentro da ciência.

Narrador (jornalista)	Interlocutor (cientista)
<p>“Cientistas da África do Sul descobriram o que consideram ser uma <i>nova e até então desconhecida</i> espécie de hominídeo que seria a <i>chave</i> para entender o surgimento do homem moderno”.</p>	<p>“Acreditamos que o <i>Australopithecus sediba</i> seja o melhor candidato a ancestral do <i>Homo erectus</i>, embora tenhamos que ser <i>cuidadosos nessa interpretação</i>”.</p> <p>“Afim, até pouco tempo atrás, era impossível saber as datas precisas dessas cavernas sul-africanas, mas com o desenvolvimento de novas técnicas de análise, <i>estamos começando a entender como se relacionavam as diversas espécies de antecessores humanos</i>”.</p>
<p>“Ou seja, o ponto a partir do qual todo o gênero homo teria surgido”.</p>	<p>“Consideramos apropriado usá-lo para descrever uma espécie que <i>pode ser</i> o ponto a partir do qual surgiu o gênero homo”</p>

<p>“De fato, desde que <i>o estudo foi concluído</i>, os pesquisadores já encontraram pelo menos dois novos fósseis no local – um deles aparentando uma criança – <i>ainda não analisado</i>”.</p>	<p>“A impressão que temos é que cada vez que levantamos uma rocha, vamos encontrar alguma novidade – diz Berger – Certamente, <i>ainda há muito mais a ser descoberto</i>”.</p>
--	---

(Tabela 2)

Observamos, inclusive, que tal diferença de grau interfere na escolha lexical feita por cada um: enquanto o narrador escolhe a palavra ‘chave’ em “chave para entender o surgimento do homem moderno”, apontando para algo que abre possibilidades e dá o poder a acessar tal conhecimento; o interlocutor é mais moderado ao inscrever o aspecto incoativo por meio do emprego da expressão “estamos começando”.

Dessa forma, considerando que a crença do narrador sobremodaliza o poder que é da ciência em avançar em seus conhecimentos, há no discurso jornalístico um adiantamento com relação àquilo que o cientista relata de suas próprias ações. Para mostrar isso, comparemos duas frases da tabela 2 dos actantes em questão: ao afirmar “Ou seja, o ponto a partir do qual todo o gênero homo teria surgido”, o narrador utiliza o verbo no futuro do pretérito, levantando uma hipótese a partir do que tomou conhecimento através do cientista. O uso da expressão explicativa *ou seja* no início da frase nos permite pensar que o uso de tal tempo verbal é mais justificado pela distância tomada pelo jornalista com relação ao fato narrado na notícia do que a dúvida presente nas pesquisas científicas. Já o interlocutor, quando diz “Consideramos apropriado usá-lo para descrever uma espécie que pode ser o ponto a partir do qual surgiu o gênero homo”, instaura ainda uma dúvida, um aspecto cursivo que é amenizado pelo narrador, que se adianta ao dizer do próprio cientista.

Tal efeito referente a subdimensão do andamento do discurso é utilizado no jornal, pois é necessário que este conclua a ação independentemente do momento em que se encontra o decurso da ação, se no início, em seu desenvolvimento ou no término do evento relatado. Portanto, apesar do relato de descoberta do fóssil estar em seu início, caracterizado pelo aspecto incoativo apontado anteriormente, na fala do narrador, no penúltimo parágrafo, coloca-se um fim ao estudo científico,

como podemos perceber no último exemplo da tabela, em que o narrador faz menção à conclusão do estudo.

No dizer do cientista, esse estudo ainda não está acabado e sua duração é extensa, como se pode observar pela passagem “Certamente, ainda há muito mais a ser descoberto” (último exemplo da tabela 2), instaurando uma longevidade quanto a duratividade nas pesquisas.

3. Narrativa projetada.

O uso de células-tronco é novamente o assunto desta terceira reportagem, publicada no dia 09 de março de 2010, que possui a manchete “Célula-tronco na reprodução”. Apesar do título, o texto trata da possível manipulação com tais células também em benefício do rejuvenescimento e não apenas da reprodução.

O narrador estabelece o aspecto durativo, pois relata uma continuidade das pesquisas científicas, o que é evidenciado no subtítulo da reportagem: “Para especialista internacional, pesquisa avança mais no campo da fertilização”. Há um processo contínuo que é a pesquisa com as células-tronco, perceptível pela significação do lexema *avançar* e pela ocorrência do advérbio *mais*, selecionados pelo narrador ao fazer alusão à fala do especialista.

Assim, cria-se no enunciado o que chamamos de uma “narrativa hipotética”, pois esta se prolonga progressivamente em direção a um tempo futuro, o que podemos perceber devido ao significado do verbo *avançar*, que apesar de estar no presente, projeta uma continuidade. O sujeito, o cientista, busca proporcionar às pacientes uma gravidez mais segura e melhor qualidade de vida, além de atingir a minimização do índice de prematuros. Para isso, ele terá de ser dotado de competência para desenvolver uma tecnologia que aumente as chances de implantação do óvulo no útero e produza placentas mais fortes. Apesar de atualizada na voz do cientista, já que os estudos que permitem a conjunção com esse saber começaram, tal ação narrativa não é realizada, pois no presente a ciência ainda não tem competência para alcançar esses resultados. Nos trechos abaixo, os sintagmas adverbiais “em breve”, “nas próximas décadas”, “nos próximos anos” comprovam esse ainda *não saber* do cientista, pelo menos quanto à quantidade de saber necessário para que os resultados aconteçam, segundo o dizer do narrador:

“Na próxima década, as descobertas sobre células-tronco poderão nos ajudar a viver mais e melhor”.

“Nos próximos anos, os principais avanços devem acontecer na área de reprodução”. (*O Globo*, dia 9 de março de 2010, p. 29).

Porém, apesar da projeção para o futuro, a modalização pelo *crer* que recai sobre as falas e as ações do cientista e no dizer do narrador permite que o estudo científico se torne matéria jornalística. No trecho abaixo, por exemplo, a caracterização do informante como um grande cientista da área de célula-tronco permite que sua declaração sobre os avanços de tal pesquisa e sua possível ajuda a mulheres ficarem grávidas seja a informação contida na manchete, na voz do narrador:

“Um dos *principais nomes da pesquisa* com células-tronco *do mundo*, Schatten acredita que os avanços nas pesquisas não devem trazer a cura para doenças como Alzheimer, *mas poderão* ajudar mulheres a engravidar e melhorar a qualidade de vida dos idosos”. (*O Globo*, dia 9 de março de 2010, p. 29).

Já neste outro trecho a fala é concedida ao interlocutor cientista que fala sobre os resultados da pesquisa e inscreve o aspecto incoativo ao dizer que “tem esperanças”, o que contrasta com o aspecto cursivo instaurado pelo narrador quando este diz que as pesquisas estão avançando.

“*Em breve poderemos* produzir placentas mais fortes, que evitarão o nascimento de bebês prematuros ou complicações. O melhor é que isso *poderá ser feito* por uma, duas ou três semanas da gravidez, minimizando as chances de mutações celulares que prejudiquem a vida do feto. *Tenho grandes esperanças* para a terapia placentária”. (*O Globo*, dia 9 de março de 2010, p. 29).

É grande a crença de que o cientista irá atingir seus objetivos, mesmo que no futuro, portanto, é como se já houvesse resultados para tal pesquisa. O aspecto durativo marcado no subtítulo pelo verbo *avançar* parece estar em descompasso com trechos como “Em breve poderemos produzir

placentas mais fortes” ou “Na próxima década, as descobertas sobre célula-tronco poderão nos ajudar a viver mais e melhor”, frase que dá início à reportagem, já que os cientistas prometem sucessos em um tempo futuro, mais ou menos distante, enquanto que o verbo *avançar* no presente do indicativo nos induz a acreditar que os cientistas fazem progressos significativos no momento em que a reportagem é divulgada.

Assim, novamente, o discurso jornalístico produz um adiantamento produto de uma crença de que aquilo que a ciência pretende (narrativa no futuro relatada pelo interlocutor) irá certamente acontecer.

Conclusão

Considerando o estudo do aspecto e da modalização no discurso científico veiculado pelo jornal, percebemos que tal meio de comunicação produz uma descontinuidade e um fechamento quando ainda existe uma continuidade, ou seja, a pesquisa científica ainda está se realizando. O jornalista em nossas análises é modalizado por um *crer* no sucesso das pesquisas científicas, inclusive tal modalização do sujeito é, motivador para produção de algumas reportagens, visto que, muitas notícias referem-se à possibilidade de um resultado ser atingido.

Dessa maneira, no discurso jornalístico há a produção de um efeito de aceleração das ações e resultados da ciência. Isso se faz necessário no discurso jornalístico, se consideramos o fechamento da narrativa, o imediatismo, a atualidade e o furo de reportagem característicos desse veículo de comunicação. Por isso, a estratégia de adiantamento, subdimensão do andamento, foi bastante freqüente no *corpus* escolhido, já que é necessário produzir o efeito de término da narrativa, mesmo que os eventos ainda estejam em seu curso.

Portanto, entendemos também que o estudo do aspecto quando restrito apenas aos elementos gramaticais não permite uma compreensão mais ampla da aspectualização no texto e seu papel na construção do sentido, se levarmos em consideração as possibilidades de organizar as ações pela enunciação, criando um ponto de vista. Assim, as categorias aspectuais e as dimensões apresentadas pela semiótica tensiva possibilitam um estudo do aspecto no que diz respeito à constituição discursiva tanto do enunciado quanto da própria enunciação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GREIMAS, A. J., COURTÉS, J. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (tome 2). Paris: Hachette, 1986.

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões. Dos estados de coisas aos estados de alma*. São Paulo: Ática, 1993.

GREIMAS, A.J.; COURTES, J. *Dicionário de Semiótica*. Editora Contexto. Sao Paulo, 2008.

FIORIN, J.L. *As Astúcias da Enunciação*. Editora Atica. Sao Paulo, 2008.

FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do discurso*. Editora Contexto. São Paulo, 2008.
_____; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Sao Paulo: Discurso Editorial; Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

NANTES, E.A.S.; GREGORIO, R.M. “O gênero texto de divulgação científica: uma proposta de trabalho”. In: *Simpósio Internacional de Gêneros Textuais*, 4, ago. 2007, Tubarão, SC. *Anais* (CD ROM). Tubarão, SC: Unisul, 2007. p. 975–987.

SILVA, Odair Jose Moreira da. O observador no desenrolar do processo: a aspectualização qualitativa do tempo no discurso cinematográfico. *Revista Alfa*. Sao Paulo, 53 (2): 557–573, 2009.

TARGINO, Maria das Graças. “Divulgação científica e discurso”. In: *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul, v. 8, n. 15:(19–28) jul–dez, 2007.

TRAVAGLIA, L.C. *O aspecto verbal no português – a categoria e sua expressão*. EDUFU. Uberlandia, 2006.

ZILBERBERG, Claude. *Síntese da Gramática Tensiva*. In: *Significação: Revista Brasileira de Semiótica*, n.25, junho de 2006a. Sao Paulo: Annablume, pp. 163–204.